



Lourival Sant'Anna carta@lourivalsantanna.com

O valioso alinhamento do Brasil

A simpatia do governo Lula pelo expansionismo militar russo tornou-se ainda mais explícita na reunião do chanceler chinês, Wang Yi, e do assessor especial brasileiro, Celso Amorim, em Pequim. As conclusões do encontro colocaram na órbita da China a política do Brasil para a Ucrânia.

Em comunicado conjunto divulgado depois do encontro, Brasil e China apelam para que todas as partes envolvidas se comprometam em não expandir o campo de batalha, não escalar os combates e não provocar a outra. Não houve condenação à invasão.

Essas condições equivalem a dizer que a Ucrânia não tem o direito de se defender. Já que ela é o país invadido, os combates terrestres se concentram, por definição, na Ucrânia, com os ucranianos tentando conter os avanços russos e recuperar território.

Desde a invasão da Rússia, em fevereiro de 2022, a Ucrânia recuperou 54% do novo território ocupado. Outros 18% continuam ocupados, incluindo os 8% invadidos em 2014. A atitude do Ocidente de normalizar essa ocupação em 2014, a mesma que Brasil e China adotam até hoje, incentivou Vladimir Putin a ampliá-la.

Amorim, que esteve na Rússia há um mês, contou com otimismo a repórteres brasileiros em Pequim ter ouvido de um de seus interlocutores russos que eles querem uma “neutrali-

zação”, e “uma zona tampão com tamanho suficiente para que não haja armas que atinjam diretamente Moscou”.

O assessor especial brasileiro demonstra crer que a Rússia invadiu a Ucrânia para se defender de uma ameaça. Não há a menor base factual para essa leitura, promovida pela propaganda de Putin.

Ao contrário, o governo de Volodimir Zelenski fez de tudo para não dar pretextos à invasão russa. Mesmo quando mais de 100 mil soldados russos se concentravam na fronteira, e a Rússia promovia um bloqueio naval contra a costa ucraniana, em dezembro de 2021, Zelenski desautorizou providências típicas para a defesa de um país sob ataque iminente, como a convocação de reservistas ou a escavação de trincheiras.

SOBERANIA. Em várias etapas da agressão russa à Ucrânia, o Kremlin enviou sinais contraditórios sobre suas intenções de tentar congelar o front ou agarrar mais território. Esses sinais demonstraram, em parte, da dinâmica no terreno e da disposição de EUA e Europa de seguir ajudando a Ucrânia, e em parte das táticas russas de guerra informacional.

Putin nunca demonstrou disposição real de negociar garantias de segurança em troca da devolução de território ucraniano. Aceitar, como fazem Brasil e China, uma solução que não contemple essa devolução é renunciar ao princí-



Navio de guerra chinês durante exercício militar; ameaça a Taiwan

Celso Amorim demonstra crer que Rússia invadiu a Ucrânia para se defender de ameaça

avios de guerra.

Primeiro, porque Xi Jinping tem deixado claro que pretende anexar Taiwan, se o país democrático não aceitar ser incorporado à ditadura comunista chinesa. Ele tem afirmado que seu sucessor não herdará esse “problema” e não descarta nenhuma opção.

COMÉRCIO. Em segundo lugar, as sanções impostas pelo Ocidente à Rússia criaram uma dependência do país em relação à China, que aproveita para comprar seu petróleo e gás a preços abaixo do mercado, vender-lhe produtos industrializados e até instalar fábricas para substituir as mais de mil empresas ocidentais que se retiraram do país.

Por último, ao obrigar o Ocidente a ajudara Ucrânia, a campanha russa drena recursos das democracias na América do Norte e na Europa, que riva-

lizam com a China na disputa por influência global.

O alinhamento do Brasil, um país grande e democrático, é valioso para a China, porque demonstra capacidade de atrair para seu campo não apenas ditaduras africanas e asiáticas dependentes de seu poder econômico, projeção política e militar e ideologia autoritária.

E o que o Brasil ganha com isso? Wang Yi declarou que China e Brasil “têm economias altamente complementares e interesses profundamente integrados, que é o ativo estratégico mais precioso”. A primeira parte é verdadeira: o Brasil é exportador de alimentos e a China, de manufaturados.

Mas a própria complementaridade torna desnecessário um alinhamento geopolítico para impulsionar o comércio: ele se movimenta por si, e não depende da proximidade entre os governos, como ficou claro quando Jair Bolsonaro, detra-

tor da China, era presidente. A segunda parte é problemática. Alinhar-se à China não corresponde aos interesses nacionais do Brasil. Além de contrariar um princípio caro da política externa brasileira, o da soberania, a Rússia atraiu contra si uma união militar no Ocidente inédita desde a 2.ª Guerra. A complacência com a agressão russa aliena o Brasil do Ocidente e o coloca como um parceiro não confiável. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Tensão na Europa

Otan planeja ‘muro de drones’ na fronteira russa

VILNIUS

A Lituânia anunciou que os membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) vizinhos da Rússia concordaram em construir um “muro de drones” para defender suas fronteiras de “provocações”. O anúncio foi feito na sexta-feira depois que Moscou apagou de um site oficial um documento que previa a alteração unilateral de seus limites marítimos no Mar Báltico e removeu boias de demarcação no Rio Narva, na divisa com a Estônia.

As tensões na região, banhada por um dos mares mais mo-

vimentados do mundo, vêm aumentando desde o início da invasão russa na Ucrânia, há mais de dois anos.

Dos 32 membros da aliança militar ocidental, 6 fazem fronteira com a Rússia: os três Estados bálticos (Lituânia, Letônia e Estônia), bem como Finlândia, Noruega e Polônia.

“Trata-se de algo completamente novo, um muro de drones que se estende da Noruega à Polónia, com o objetivo de usar drones e outras tecnologias para proteger nossas fronteiras, o que nos permitiria proteger contra provocações de países hostis e impedir o contrabando”, disse a ministra do Interior da Lituânia, Agne Bilotaite-

piu da soberania.

Para a China, esse raciocínio é conveniente. Primeiro, porque Xi Jinping tem deixado claro que pretende anexar Taiwan. A China assedia a ilha regularmente, por mar e ar, como fez nos últimos dias com 46

aviões de guerra. O projeto, com prazos não especificados, também inclui a implantação de sistemas anti-drones para deter veículos aéreos não tripulados inimigos. A decisão foi anunciada depois que guardas de fronteira russos removeram mais de 20 boias no Rio Narva, uma via fluvial ao longo da divisa entre Estônia e Rússia, na quinta-feira. Um dia antes, o Ministério da Defesa russo apagou de seu site um documento que previa a remarcação das fronteiras marítimas no Mar Báltico. A ação foi vista como um ato de provocação pelos líderes da União Europeia (UE).

“Esse incidente na fronteira faz parte de um padrão mais amplo de comportamento provocativo e ações híbridas da Rússia”, disse o chefe da diplomacia da UE, Josep Borrell, em um comunicado. “Tais ações são inaceitáveis. A União Europeia espera uma explicação da Rússia sobre a remoção das boias e seu retorno imediato.”

Por sua vez, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg,

afirmou na rede social X (antigo Twitter) que a aliança militar é “solidária com a aliada Estônia face a qualquer ameaça à sua soberania”.

MARCAÇÕES. A cada primavera, a Estônia e a Rússia instalam cerca de 250 boias no Rio Narva para marcar a divisa marítima e evitar que navios se

“Trata-se de algo completamente novo, um muro de drones que se estende da Noruega à Polónia”
Agne Bilotaite
Ministra do Interior da Lituânia

desviem acidentalmente para as águas do outro país, disse o oficial da guarda de fronteira da Estônia, Eerik Purgel, à mídia local. Como o leito do rio muda com o tempo, os dois países precisam revisar o canal navegável todos os anos.

“Desde 2023, a Rússia não concorda com as posições da

Estônia em relação à colocação das boias. Decidimos instalar sinais flutuantes para a temporada de verão conforme o acordo de 2022, porque eles são necessários para evitar erros de navegação”, disse Purgel.

De acordo com a primeira-ministra da Estônia, Kaja Kallas, seu país ainda está tentando esclarecer a situação com a Rússia. O Ministério das Relações Exteriores convocou o encarregado de negócios russo para explicar o que definiu como um “incidente provocativo na fronteira”.

A Estônia fez parte da União Soviética durante meio século e, desde a sua independência, em 1991, as relações com Moscou têm sido difíceis, uma situação que se agravou depois que o pequeno Estado aderiu à UE e à Otan, em 2004.

As tensões aumentaram dramaticamente após a invasão russa à Ucrânia, com a Estônia adotando um tom altamente crítico em relação a Moscou. Nos três países bálticos vivem minorias russas que o governo Putin diz serem oprimidas. ● AFP